

EFEITOS DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Thaíssa Fernanda Kratochwill de Oliveira¹

RESUMO

Estudo de caso realizado de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação em uma unidade do Novo DEGASE na cidade do Rio de Janeiro. O estudo teve por objetivo compreender os efeitos desempenhados pelo cumprimento da medida em sua vida e em seus projetos de futuro. Através do referencial teórico da psicanálise, são discutidos os eventos principais de sua vida que relacionam-se à prática de atos infracionais, bem como ao cumprimento da medida de internação. Através da oferta de um espaço de escuta clínica, notou-se que o processo de entrevistas ganhou caráter de intervenção, possibilitando ao adolescente elaborar algumas das questões trazidas durante o período de desenvolvimento do trabalho.

INTRODUÇÃO

Ao tratar do tema das medidas socioeducativas, estamos pensando em uma estratégia recente de abordagem da delinquência juvenil. A observação do aumento crescente da população adolescente institucionalizada para o cumprimento de tais medidas e a necessidade de discutir e avaliar constantemente os dispositivos de assistência criados para lidar com a questão evidenciam a necessidade e a relevância de estudos sobre o tema.

Em consonância com o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), considera-se aqui o sistema socioeducativo como um dispositivo criado sobretudo para promover a garantia de direitos dos adolescentes assistidos. Atentando para as dificuldades que se estabelecem em atingir todos os procedimentos estabelecidos pelo ECA (BRASIL, 1990), problemática esta que deu origem à publicação do manual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE (BRASIL, 2006), faz-se necessário ressaltar a urgência de trabalhos que priorizem os adolescentes que cumprem as medidas como sujeitos de pesquisa, considerando os mesmos enquanto protagonistas de sua própria história. Neste sentido, o presente artigo se propôs a realizar um estudo de caso de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de

¹ Psicóloga. Mestrado em psicologia pela UFRRJ (2017). Graduação em psicologia pela UFRRJ (2015). Trabalha atualmente na escola de psicanálise Formações Clínicas do Campo Lacaniano.

internação. O estudo teve por objetivo compreender os efeitos do cumprimento da medida de internação sobre a vida do adolescente e sobre seus projetos de futuro.

Os dados aqui discutidos foram construídos durante a realização de minha pesquisa de mestrado, através de um processo de entrevistas realizado entre janeiro e maio de 2016 em uma unidade de internação do Novo Degase no Rio de Janeiro. A partir do trabalho de escuta desenvolvido junto ao adolescente ao longo dos três meses de duração da etapa de campo da pesquisa, o adolescente pôde me contar sobre sua história de vida, sua relação com sua família, seu relacionamento com a namorada e com os amigos, bem como seu envolvimento com os atos infracionais dos quais estava sendo acusado e os processos pelos quais estava cumprindo uma medida de internação. A seguir é apresentado o estudo de seu relato, discutindo os principais acontecimentos de sua vida que apresentaram relação com os atos infracionais cometidos e com o cumprimento da medida. Foram discutidas, ainda, as elaborações do próprio adolescente acerca destes eventos. O nome atribuído ao adolescente ao longo do texto é fictício, preservando assim o sigilo de sua identidade.

O CASO

Diogo era um adolescente de dezenove anos, que estava cumprindo uma medida socioeducativa de internação desde os dezessete. Era a sua primeira passagem pelo sistema e ao todo, os atos infracionais dos quais estava sendo acusado totalizavam sete processos.

Os pais de Diogo eram separados e o adolescente havia morado a maior parte de sua vida com a mãe, a irmã e o padrasto, na casa da família. Após uma sequência de brigas com ambos os pais, o adolescente resolve sair de casa e ir morar em uma casa na comunidade onde trabalhava. Depois de algum tempo, foi convidado a morar na casa de um amigo com quem trabalhava no tráfico de drogas, onde permaneceu residindo até ser apreendido em uma fuga.

“TODO MENINO É UM REI”... NARRANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

Meu contato com Diogo se iniciou após o adolescente ter ficado sabendo que eu, enquanto psicóloga, estava na unidade realizando entrevistas para a realização de meu trabalho. Um dos adolescentes que entrevistei me comunicou que Diogo também tinha interesse em participar de minha pesquisa, pedindo que eu o chamasse para conversar também.

Após receber autorização por parte da direção da unidade, atendo ao pedido de Diogo, chamando-o para participar da pesquisa. Um dado importante sobre este período, anterior ao trabalho que realizei com ele, diz respeito ao fato de que os profissionais da equipe de direção informaram-me que o adolescente participava de atividades no “grupo da saúde mental” que era conduzido na unidade. Desde o início, o teor das atividades deste grupo se mostrou bastante confuso para mim, pois tanto a equipe da direção como os demais adolescentes que entrevistei, ao serem questionados sobre o assunto, não souberam definir exatamente em que consistia o grupo da saúde mental, confusão esta que permaneceu até o final de meu estudo. Não obstante, neste momento inicial, o que eu havia compreendido sobre este grupo era que nele

ocorriam atividades de trabalhos manuais, artesanato e rodas de conversa voltados para os adolescentes que tivessem algum diagnóstico de sofrimento psíquico grave, tais como psicoses, quadros de ansiedade ou sofrimento intensos, possivelmente até acompanhados do uso de medicação. Diante desta informação, mesmo que não confirmada, preparei-me para receber um adolescente com este perfil, imaginando que o mesmo poderia apresentar um estado fragilizado.

Contrariando minhas expectativas, no entanto, desde nossa primeira entrevista o adolescente se mostrou bastante interessado em me contar sua história de vida, respondendo sempre de forma muito empenhada em esclarecer minhas dúvidas e fazendo questão de demonstrar que se sentia bem ao conversar comigo. Logo na primeira entrevista, conseguiu me contar sua trajetória de vida, inclusive os motivos pelos quais estava cumprindo uma medida de internação e diversos detalhes acerca dos processos pelos quais respondia. Desde as primeiras entrevistas, contou sobre pessoas importantes em sua vida, citando frases que lhe marcaram e as respostas que foi capaz de dar a elas até então. Me pediu ainda que procurasse na internet um vídeo, que foi gravado no momento de sua apreensão pelos policiais.

A postura de Diogo assemelhava-se ao que Freud (1917/2014) já nos comunicava em sua teoria geral das neuroses:

assim sendo, o trato com o paciente se torna, por algum tempo, bastante agradável; ele se revela especialmente solícito, busca mostrar-se agradecido sempre que pode, exhibe sutilezas e méritos de seu ser que, talvez, jamais teríamos encontrado nele. O médico forma, então, uma opinião bastante favorável de seu paciente e louva o acaso que lhe permitiu prestar assistência a personalidade tão valiosa.

(FREUD, 1917/2014, p. 581-582).

O que Freud descreve nesta passagem diz respeito à transferência, processo no qual o paciente passa a transferir para o médico ou analista que o atende, “intensos sentimentos afetuosos, que não se justificam nem pela conduta do médico nem pela relação no tratamento” (p.583). O fenômeno da transferência é algo comum na vida psíquica inconsciente de todos os sujeitos, que assim como transferem sentimentos oriundos da relação com suas primeiras figuras de cuidado para o médico ou o analista, o transferem ainda para outras pessoas com as quais se relacionam ao longo de toda a vida. No entanto, nem sempre sua ocorrência é observada. O que ocorre é que o ambiente clínico e conseqüentemente a figura do médico ou analista são particularmente propícios a despertar a transferência nos pacientes. Levando em consideração o contexto no qual estávamos inseridos, o qual não diz respeito ao ambiente da clínica e ao que implica em dizer também que Diogo não estava na condição de paciente que demandou ser tratado por mim, faz-se importante sinalizar a ocorrência do processo transferencial.

Além da dinâmica que descrevo acima, a permissão que me foi dada pelo adolescente para chamá-lo a qualquer momento em que eu estivesse na instituição e o próprio modo como nossas entrevistas tiveram início, que demonstravam a todo momento o interesse do adolescente em revelar-se, foram me dando indícios

de que a transferência de Diogo com a pesquisadora estava estabelecida. Visto isso, em Freud (1917/2014) temos ainda que, para o analista, a transferência “torna-se então seu melhor instrumento, aquele com o qual podem se abrir os mais cerrados compartimentos da vida psíquica” (p.588). Assim foi com Diogo, que me permitiu realizar importantes descobertas sobre sua relação com os atos infracionais e com a medida socioeducativa que cumpria.

Como vimos anteriormente, aos dezessete anos o adolescente recebeu uma medida de internação. Até este momento, ele não sabia que menores de idade podiam ser “presos”. Destaco aqui que, apesar de estar cumprindo uma medida socioeducativa, o termo “preso” foi utilizado de forma recorrente pelo adolescente para se referir à sua situação atual, sendo mantido aqui para preservar ao máximo o relato do entrevistado.

Ao fazer um primeiro resumo de sua vida, inicia contando que seus pais são separados desde que ele era bebê. Diz que até seus dez anos de idade recebia muita assistência do pai. Depois disso começou a perceber que o mesmo não manteve muito interesse em fazer parte de sua vida. Diogo observava sua mãe pedir coisas ao mesmo, que ficava resmungando para atendê-la. Segundo ele, desde então o pai lhe dava apenas “material escolar, roupa e presentes em Natal e Ano-Novo”.

Em determinado momento, o adolescente começa a trabalhar como MotoTaxi na comunidade onde morava. Nesta época, sua mãe soube que o filho havia feito amizade com pessoas do “movimento²” e decidiu mudar-se para outra localidade, buscando com isso, que o filho se afastasse destas companhias. A tentativa da mãe não deu certo, pois Diogo continuava encontrando seus antigos amigos quando ia para o trabalho no MotoTaxi. Segundo ele, era necessário pagar uma quantia como aluguel da moto que usava para trabalhar, o que fez com que ele pedisse ao pai que comprasse uma moto para ele, que assumiria o compromisso de pagar as prestações. O pai respondeu “cheio de arrogância”, dizendo que Diogo “não tinha responsabilidade com nada”, que era muito novo, que era irresponsável por já ter largado a escola e “não merecia nada” do pai. A resposta de Diogo: “fechei a cara e fui embora”. Depois disto, decidiu pedir à mãe. A resposta dela foi de que não era a hora e de que ele não tinha responsabilidade para isto. A nova resposta de Diogo, então, foi: “me revoltei e entrei pro tráfico de drogas”.

Durante o período que trabalhou executando roubos para o tráfico, Diogo não se preocupava com o futuro, gastando praticamente tudo que ganhava, pois sabia que “não ia durar pra sempre” nessa vida. Quando o convido a refletir sobre o que ele pensa sobre isso hoje, ele me diz: “ah, eu era *dimenorzão*³ ainda, fazia mesmo as coisas sem pensar”, sinalizando que algo mudou em sua forma de pensar sua relação com a prática infracional.

O adolescente me conta ainda que seu pai sabia de sua decisão, pois via o filho na comunidade com as pessoas do “movimento”. Quando lhe pergunto que reação seu pai teve diante disso, Diogo responde de forma aparentemente contraditória, dizendo ao mesmo tempo que o pai “não falava nada”, e que “eu debatia muito com ele”. Tais afirmações passam a fazer mais sentido quando compreendo que, apesar de o pai não

2 “Movimento”: como é conhecido pelos moradores de uma comunidade o grupo de funcionários de uma boca de fumo que, reunidos em suas diversas funções, compõem o chamado movimento.

3 “Dimenorzão”: menor de idade.

tomar iniciativa, o adolescente continuava investido nesta relação, tentando “*debater*” com ele, convocá-lo à posição que Diogo considera que este estava abandonando.

PELOS CAMINHOS DA TRANSFERÊNCIA... A RELAÇÃO COM AS FIGURAS DA LEI

Durante quase todo o processo de entrevistas, o adolescente se mostrava muito ressentido com o modo como foi tratado pelo pai. No entanto, nenhuma elaboração acerca dos motivos pelos quais o pai “*não queria muito fazer parte*” de sua vida. A revolta pelo modo como foi tratado pelo pai nos últimos tempos também estava presente no modo como me relatou ter sido tratado pelos policiais no dia de sua apreensão, pelos agentes de segurança socioeducativa e até pela juíza.

Em uma das entrevistas, Diogo me explica que entre os adolescentes de seu alojamento, ele é o que está “*preso há mais tempo*” e que, de acordo com as normas da facção à qual pertence, em relação aos presos adultos, o que está “*preso*” há mais tempo deve orientar os mais novos, “*passando as regras de funcionamento para eles*”. No caso do adolescente, mesmo cumprindo uma medida socioeducativa, a função de liderança sobre os colegas de alojamento também lhe é atribuída pelos agentes de segurança da unidade, que lhe atribuem a responsabilidade de manter a ordem ali. Diogo ressentiu-se disso, afinal, alguns garotos o escutam, mas outros “*são mais cabeça-dura*” e não querem respeitar. “*Aí se torna complicado pra mim*”, diz ele.

Além de sentir-se prejudicado pela conduta dos agentes, ele me relata profundo questionamento, tanto acerca dos trâmites legais, como dos critérios avaliativos da juíza para deliberação de sentenças. Nos primeiros momentos, suas dúvidas ficam sem resposta:

Chegando lá na audiência, ela me retornou pra cá de novo. Me deram CRIAM⁴ enganado. Ela falou que foi um erro e botou a culpa aqui, disse que era um erro daqui e que eu era manutenção. Começou a falar várias coisas, que eu era um perigo pra sociedade, que eu não tô preparado ainda pra ficar na rua, que meus crimes são de alta violência com agressão à vítima, que era tudo planejado e que a maioria da culpa era minha. [...] Pra ela é mais fácil dar mais tempo pra uma pessoa. Pra ela tanto faz, tanto fez e sempre que eu vou pra audiência fica ela e a promotora falando uma no ouvido da outra, eu nunca sei o que eles tão falando.

Em outros momentos, o adolescente passou a formular algumas hipóteses:

A juíza não liga pros relatórios não. Se ela achar que tem que ficar [continuar cumprindo medida de internação] ela vai dar medida de novo, mesmo tendo vários pedidos de CRIAAD nos relatórios. Acho que ela tem alguma coisa, algum problema pessoal comigo, não vai com a minha cara não, pra nunca me liberar desse jeito.

Assim como ocorre com sua relação com o pai, o adolescente parece repetir, por meio de transferência, a revolta dirigida aos demais representantes da lei com os

4 CRIAM: Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Menor. CRIAM era a nomenclatura utilizada para designar as Unidades e as medidas de Semiliberdade do Sistema Socioeducativo até 2009. Com o Decreto Estadual 41.983/2009, alterou-se a sigla de CRIAM para CRIAAD (Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente).

quais tem contato ao ser apreendido e durante o cumprimento da medida. Os indícios da transferência são ainda mais evidentes em se tratando da juíza pois, mesmo se tratando de uma pessoa até então desconhecida, com a qual no adolescente nunca teve nenhuma relação até então, suas ponderações o fizeram elaborar a hipótese de que ela tivesse “*algum problema pessoal*” com ele.

Para aprofundar nosso entendimento acerca desta configuração, é necessário retomar aqui um importante conceito da teoria freudiana que nos ensina sobre os mecanismos inconscientes. Freud (1930/2010), observa que o funcionamento do inconsciente obedece, entre outros, ao princípio de repetição, responsável por gerar a tendência a criarmos situações que nos levem a reviver eventos que tiveram caráter traumático anteriormente. Dizer que uma situação teve caráter traumático significa que no momento em que tal experiência se deu, o sujeito não teve meios para significá-la, para dar sentido a ela. Ou seja, o princípio de repetição busca preservar a saúde psíquica do sujeito, apostando que, ao viver novas experiências semelhantes ao primeiro evento (traumático), o sujeito conseguirá dar um sentido novo e outros sentidos posteriores, até que consiga seguir adiante sem a necessidade de reviver novamente o evento em questão.

O que parece ocorrer no caso em estudo então é que, na medida em que o adolescente não consegue encontrar significação para o abandono do pai, também não consegue justificar a atitude dos agentes que se desresponsabilizam pela garantia da ordem no alojamento em que ele está, tampouco à atitude e os métodos da juíza, que lhe parecem ser moldados por uma questão pessoal. Em sua cena inconsciente, o adolescente repete o conflito traumático do abandono de seu pai com todas as figuras que, assim como este, representam figuras da lei, não sendo capaz de encontrar sentidos ou justificativas para o abandono que sente receber de todos eles.

De modo geral, os momentos de reflexão sobre sua situação atual comportavam bastante sofrimento, pois apesar de sua família ter contratado um advogado, seus sucessivos retornos de audiências com manutenção de medida de internação o deixavam cada vez mais desesperançoso. Em meados de nosso período de entrevistas, o adolescente afirma ter passado por um período de “*castigo*”, ficando isolado por uma acusação injusta que acabou revelando-se falsa. Além disto, um desentendimento com a namorada também lhe deixou bastante abalado, porque o fato de estar preso não lhe permitia tomar nenhuma providência em relação à situação, obrigando-lhe a “*esperar quando sair pra resolver*”.

Assim como dito anteriormente, um dado importante consiste no fato de Diogo ter cumprido um longo período de internação. A extensão da medida parece ter provocado muitos efeitos tanto no modo de se expressar como no conteúdo de seu discurso. Já na época de nossas últimas entrevistas, ocorre o que pareceu ser um momento de virada no caso: segundo ele, sua mãe lhe deu um recado de seu pai, que queria procurá-lo para conversar. A mãe, por sua vez, estava disposta a comprar a moto que o filho tanto havia pedido. Quando questionado sobre o que achou disto, ele considera que os pais estão arrependidos do modo como agiram no passado e querem agora consertar o que erraram. Diogo acredita que erraram, e diz que vai

aceitar o que eles derem por espontânea vontade, sem pedir nada: “*tô demaiorzão⁵ já, vou ficar dependendo dos meus pais pra que?*”. Finalmente, após este novo evento, Diogo consegue expressar uma nova elaboração acerca de sua relação com os pais, que parecem compartilhar com ele o entendimento de que poderiam ter agido de outra forma com o filho. A partir disto, Diogo decide perdoá-los e aceitar seus pedidos de uma nova reaproximação, que desta vez já não dá mais lugar à dependência dele em relação aos pais.

Consegue me dizer, ainda, sobre uma reelaboração que faz, ao pensar sobre a briga com a namorada: “*vou sentar e conversar com ela e nós vamos resolver. Se eu quero sair dessa vida não tem sentido eu resolver com ela do modo deles, pela lei do crime*”. Aqui Diogo parece tentar me dizer que sua saída do trabalho no tráfico implica em abandono da lógica que envolve o pertencimento a uma facção, que é aplicada em diversos aspectos da vida do integrante. Os procedimentos peculiares envolvendo o emprego de violência para resolução de conflitos são parte desta lógica, que Diogo parece estar abandonando desde já, em sua elaboração psíquica.

Durante o cumprimento da medida, Diogo atingiu a maioridade, fato que, de acordo com sua própria lógica, não lhe permite mais esperar apoio financeiro de seus pais, como quando era criança ou adolescente. Mudanças ocorreram também no modo como pensa em resolver suas questões dali em diante, abandonando uma lógica normativa que não mais lhe servia, visto que não se identificava mais com a atitude que exigia o trabalho no crime. Neste momento, após todas estas experiências, Diogo parece ter conseguido resolver o conflito psíquico que envolvia o abandono sentido por ele desde sua relação com o pai e que parecia repetir-se diante de outras figuras de autoridade. Diante de um arrependimento e tentativa de aproximação por parte de seus pais, sobretudo de seu pai, o adolescente sente-se capaz de, ao mesmo tempo em que os perdoa por eventos do passado, resolve conflitos inconscientes fundamentais, o que lhe dá a capacidade de seguir em frente abrindo mão da dependência parental e, portanto, reafirmando a sua condição de sujeito.

“EU TAMBÉM JÁ FUI REI”... A RELAÇÃO COM AS FIGURAS DO AMOR

No período de nossas últimas entrevistas, o adolescente me conta sobre uma habilidade sua: a de reconhecer, nos filmes, quando uma cena estava sendo gravada por um dublê ou pelo ator real. Disse-me então que estava com planos de procurar um emprego como dublê. Ainda naquela época, refleti inúmeras vezes sobre os possíveis motivos que o levavam a fazer estes planos. Se em diversos momentos Diogo já havia me falado sobre sua paixão por carros, seu conhecimento sobre o manejo de diversos modelos de carro e suas habilidades tão apreciadas por seus colegas em relação a isso, o que poderia tê-lo feito se interessar por uma carreira tão diversa?

Não cheguei a nenhuma conclusão naquele período. Considerando que esta última entrevista foi realizada em meu último dia na instituição, apenas o estudo posterior do caso me permitiu formular uma hipótese do que Diogo tentava me dizer.

5 “De maiorzão”: maior de idade.

A configuração da vida de Diogo era povoada por mulheres importantes: sua mãe, sua irmã e sua namorada. Sua relação com sua mãe foi de muita proximidade durante quase toda sua vida, tendo em vista que, após ter se separado do pai de Diogo quando este era um bebê, foi ela quem criou o filho a partir daí, tendo o pai apenas visitado o adolescente, visitas estas que a certa altura foram interrompidas por um suposto desinteresse deste pai. Apesar de próximos, sua mãe não aprovava as amizades que o adolescente cultivava, não aceitando que ele se envolvesse com meninos que trabalhavam para o tráfico de drogas da região onde moravam. Após brigarem muito por isto, ele decide ir morar sozinho com a ajuda de amigos. Sua namorada também não aprova sua escolha de roubar. Desde o início Diogo e ela enfrentaram problemas, pois o pai da adolescente não aprovava Diogo como namorado da filha e não permitia o namoro dos dois, que tiveram que se encontrar escondidos. Depois que foi internado, a namorada continuou visitando-o, até que o pai dela descobriu e novamente proibiu a continuidade dos encontros.

Com sua irmã, também enfrentou dificuldades no início da internação, pois inicialmente esta *“era muito pequena para entender o que havia acontecido”* com o irmão. Quando pergunto como ele explicou à ela o ocorrido, ele me responde que *“não tinha nem como falar nada”* e ela ficava sem entender por que ele não ia embora de volta pra casa, junto com ela e a mãe. Coube a esta explicar à filha a situação de Diogo.

Conforme sua internação ocorre, uma outra mulher surge em sua história: a juíza. Diogo pôde me falar sobre sua relação com ela, permeada por muitas dúvidas e confusões, tanto no que diz respeito à avaliação que esta fazia dele como dos critérios que a mesma, enquanto representante da lei e da justiça utilizava para julgá-lo.

O que todas estas mulheres têm em comum, em sua participação na vida subjetiva de Diogo, é o fato de serem mulheres que exigem algo que Diogo não possui, que estão sempre precedidas por um obstáculo, uma barreira que o impede de acessá-las da forma como ele é. A relação entre as mulheres da vida de Diogo vai se estabelecendo conforme a elucidação de Alberti (2009) que, retomando Freud (1905), nos explica: a entrada na puberdade comportaria a volta das fantasias que inicialmente têm como cena a própria família. No entanto, à medida que se vai avançando em seu percurso de vida, ocorre uma transição de foco do cenário familiar para um direcionamento a outras relações que o sujeito possa estabelecer com o mundo externo, o que exigiria, além disto, a reatualização de traumas infantis.

A mãe, figura principal que encarna a representação do primeiro amor impossível, desde o período edípico, permanece enquanto aquela que não pode dar seu afeto ao filho, considerando o envolvimento dele com amigos que ela não aprova e práticas que ela repudia. A namorada que, de forma semelhante à mãe do adolescente, condena sua escolha pela vida de roubos e é impedida pelo próprio pai de dar seu amor a Diogo. A irmã, que *“era muito pequena”* para compreender as escolhas do irmão e a juíza, de quem ele não pode esperar compreensão e de quem ele se ressentia por nunca conceder-lhe seu perdão. Todas são mulheres que o convocam a, em sua posição de sujeito, escolher entre o amor ou o perdão delas ou sua escolha pela via do crime.

Nesta revelação, Diogo parece estar diante de um dilema no qual fica evidente sua condição de sujeito dividido, característica dos casos de neurose, da qual Freud (1930/2010) já nos falava: em que medida o sujeito consegue dar vazão à satisfação pulsional sem perder o amor do Outro? Diante desta questão, a resposta de cada um é sempre singular, e não foi diferente no caso que observamos.

Retomo aqui algo que o adolescente havia me contado: *“assistindo aos filmes, consigo identificar quando é um dublê”*. Ao utilizar a ferramenta da interpretação para a análise de seu relato, escuto: *“assistindo aos filmes, consigo me identificar quando é um dublê”*. Ao me contar a tragédia de sua própria história, permeado pela transferência que a figura da pesquisadora-analista provocou, Diogo consegue nomear o papel que assume, na tentativa de lidar com a angústia de perda do amor: um dublê. Finalmente, o que faz um dublê, afinal? Traduzido da forma mais objetiva possível, ele dubla, imita, finge que é alguém que ele não é.

Em sua fantasia inconsciente, Diogo soluciona o dilema que envolve sua condição de sujeito dividido ao identificar-se com o dublê, pois fingindo estar de acordo com a imagem que a mãe, a namorada e a juíza projetam nele, é possível solucionar os conflitos inconscientes que se impõem quando o adolescente é confrontado com seu desejo.

“MAS QUÁ... DESPERTEI!”

Como vimos até aqui, Diogo apresentou muitas mudanças desde nossa primeira entrevista até o último dia em que nos falamos. Nossa entrevista final foi em meu último dia na instituição, quando o chamei para explicar que nosso trabalho estava se encerrando e me despedir. O adolescente, que antes apresentava alguns momentos de forte indignação, ansiedade e incerteza sobre seu futuro, agora estava muito calmo, inicialmente até apático. Suas dúvidas em relação ao abandono do pai, ou mesmo a angústia que envolvia as elaborações acerca dos critérios da juíza pareciam ter perdido a importância, dando lugar a uma resignação e tranquilidade nunca antes observada enquanto eu o entrevistava.

Nas últimas entrevistas, pudemos conversar sobre os projetos que Diogo fazia para seu futuro, depois que fosse liberado após cumprir a medida. Como em nossas primeiras conversas, ele já havia me sinalizado que não pensava mais como antes, mas não havia entrado em detalhes, busquei aprofundar um pouco mais sobre o assunto. Percebo que o discurso de um amigo que possuía sua consideração passara a ter um importante efeito sobre ele. Tal amigo o havia apoiado em momentos de dificuldade após sua saída da casa da mãe para morar sozinho, e costumava dar conselhos a Diogo:

Ele era gerente, era uma função acima de mim. [...] Ele nunca gostou de roubar não. Também nunca gostava que eu roubava não. Falava que ir pra rua era muito perigoso, que quando nós tá roubando nós vai atrás do problema. Já no tráfico não, o problema que vem atrás de nós. Que até então os polícia é que sobe no morro pra confrontar nós. [...] Ele falava assim: ‘cara, sai dessa, já vi vários menor aí morrendo’. Eu acho que ele tem razão, quando eu fui preso agora morreu um.

Atentando para o fato de que um de seus amigos havia sido morto na perseguição da qual participaram, Diogo agora teme que o mesmo aconteça a ele, caso decida continuar praticando roubos. O conselho de seu amigo também reflete uma ponderação semelhante, na medida em que, mesmo o amigo trabalhando no tráfico, busca se preservar e não buscar o confronto com os policiais, ao praticar crimes fora do morro onde mora.

Agora que considera estas advertências, o adolescente faz planos de deixar o tráfico quando for liberado da medida. Segundo ele, “não quer mais essa vida”, mas tem consciência de que pode enfrentar dificuldades em seguir essa nova escolha: “*Eu também não sei como é que vai ser, eu vou sair daqui eu não sei se vai ser fácil eu arrumar emprego*”.

Como vimos em Freud (1930/2010) e como nos mostra o caso de Diogo, somos constantemente convocados a nos posicionar diante de nossos desejos e das exigências do mundo externo, o que é fonte de angústia e pode causar muito sofrimento. No caso dele, mesmo considerando seus planos de deixar o tráfico, trabalhar e não depender mais financeiramente de seus pais, a incerteza quanto à oferta de empregos formais é uma realidade que se impõe e que não lhe permite afirmar com certeza que não precisará recorrer aos roubos novamente. Uma nova configuração se cria em sua trajetória, então, na travessia da adolescência, que exige o abandono da onipotência infantil e o enfrentamento de questões necessárias à sua reafirmação enquanto sujeito, que precisa abrir mão da dependência em relação aos pais. Neste ponto, a trajetória de Diogo parece assemelhar-se ao que nos traduz a antiga canção: “*Todo menino é um rei. Eu também já fui rei. Mas quá... despertei! Por cima do mar da ilusão, eu naveguei! Não encontrei o amor que eu sonhei nos meus tempos de menino. Porém menino sonha demais... Menino sonha com coisas que a gente cresce e não vê jamais*”. Diante de todas estas questões, o adolescente permanece traçando planos, mas convivendo com a angústia diante de suas limitações inevitáveis perante a vida.

Levando em consideração o limite temporal que teve o processo de entrevistas, além da limitação própria aos objetivos e possibilidades de intervenção de um processo de pesquisa, não foi possível aprofundar ou dar continuidade à análise das elaborações do adolescente diante desta questão. No entanto, observando a forma como o espaço de escuta ofertado nas entrevistas possibilitou que Diogo falasse e se escutasse sobre questões tão importantes de sua vida, é possível considerar que, caso o adolescente tivesse acesso a outros espaços de escuta como este, possivelmente teria conseguido elaborar de outras formas as questões que ainda lhe angustiavam, assim como poderia ocorrer com outras delas, que permeiam a subjetividade dos adolescentes, considerando sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

CONCLUSÃO

A experiência da medida de internação parece ter provocado diversos efeitos na vida do adolescente. As transformações observadas em seu discurso passaram pela própria forma como o adolescente se portava durante as entrevistas: antes motivado e investido em contar e mostrar cenas de sua história, expressando grande angústia e revolta diante do tratamento que vinha recebendo das figuras de autoridade, após o cumprimento de um longo período de internação o adolescente se mostrou resignado e apático. Inicialmente recorrendo ao trabalho no tráfico de drogas como resposta

aos conflitos com os pais, em nossos encontros finais ele afirmava o desejo de rever esta escolha, não se sentindo mais motivado a submeter-se à lógica que envolve a resolução de conflitos na facção à qual pertencia.

Apesar de estar consciente sobre as dificuldades que poderia enfrentar, seus projetos de futuro envolveram a decisão de abandonar o trabalho no tráfico e conseguir um emprego formal. Ter atingido a maioria durante o cumprimento da medida fez com que o adolescente não quisesse mais depender do auxílio financeiro de seus pais, o que o levou a reafirmar sua tentativa de independência que culminou com sua entrada no tráfico, porém desta vez pretendendo alcançá-la por outras vias. O pedido de reaproximação de seus pais pôde ser elaborado pelo adolescente como uma tentativa por parte dos mesmos de se desculparem e reverem a forma como haviam tratado o filho no passado, pedido que foi aceito e que fez parte de uma nova postura assumida pelo adolescente: agora seria capaz de perdoar os pais, ao mesmo tempo em que abria mão da dependência parental.

Considerando o sujeito a partir do referencial da psicanálise, ou seja, como sujeito dividido e ambivalente, que possui verdades que escapam à sua própria consciência, considera-se aqui que a emergência deste sujeito só se pode dar a partir da linguagem. Dispositivos que permitam que o adolescente fale e seja escutado de forma a possibilitar o aparecimento de sua condição de sujeito constituem uma maneira possível de encarar o adolescente como protagonista de sua própria história e principalmente, de gerar no próprio adolescente a consciência de seu protagonismo.

Ao solicitar, ao final de nossa primeira conversa, que eu visse um vídeo no qual uma pessoa filma o momento de sua apreensão, eu escuto um pedido de que eu o veja, o enxergue, não apenas como um adolescente infrator, mas como um sujeito que se torna protagonista de sua própria história. O estudo do caso de Diogo apresentou indícios de que, ao solicitar a participação na pesquisa, o adolescente quisesse me falar de sua história e das angústias que lhe envolviam naquele momento do cumprimento da medida de internação. Ao ser atendido em seu pedido, Diogo encontrou um espaço de escuta que favoreceu a retomada de algumas passagens importantes de sua vida, sendo agora capaz de empreender novas elaborações acerca das mesmas e encontrar novas formas de se posicionar diante das exigências da vida.

Portanto, aposta-se aqui que a oferta de espaços de escuta aos adolescentes constituiria uma forma de tornar viável o cumprimento de princípios que constam das leis do ECA (BRASIL, 1990) e do SINASE (2006), além de possibilitar transformações subjetivas que ocorrem através da experiência de ser escutado e se escutar, que muito teriam a contribuir tanto para a garantia de direitos dos adolescentes e como para a melhoria do sistema socioeducativo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Lei de criação do estatuto da criança e do adolescente.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo -SINASE/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA, 2006.

FREUD, S. Obras completas, volume 7: Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Imago Editora, 2010 (versão digital).

_____. Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917); tradução Sergio Tellaroli – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.